

TORDESILHAS

Edwin Abbott Abbott

Plano lândia

Um romance de muitas dimensões

TORDESILHAS



Planolândia

Um romance
de muitas dimensões

Nenhuma
dimensão
●
Pontolândia

Duas
dimensões
□
Planolândia

Uma
dimensão
—
Linhalândia

Três
dimensões
◻
Espaçolândia

Com Ilustrações do Autor,
um quadrado

Edwin Abbott Abbott

Tradução: Rogerio W. Galindo

Copyright © 2021 Tordesilhas

Título original: *Flatland: A Romance of Many Dimensions*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora. O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO Amanda Cestaro

IMAGEM DE CAPA Sue Doeksen

REVISÃO Bárbara Prince e Elisa Martins

PREPARAÇÃO Giovana Bomentre

1ª edição, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Abbott, Edwin Abbott, 1838-1926

Planolândia : um romance de muitas dimensões / Edwin Abbott Abbott ; [tradução Rogerio Galindo]. -- São Paulo : Tordesilhas, 2021.

Título original: Flatland : a romance of many dimensions
ISBN 978-65-5568-019-5

1. Ficção científica inglesa 2. Quarta dimensão I. Título.

21-56849

CDD-823.914

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura inglesa 823.914

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

2021

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.

Avenida Paulista, 1337, conjunto 11

01311-200 – São Paulo – SP

www.tordesilhaslivros.com.br



/Tordesilhas



/Tordesilhaslivros

blog.tordesilhaslivros.com.br

Para
Os habitantes do ESPAÇO EM GERAL
E para H.C. EM PARTICULAR
Esta obra é dedicada
Por um humilde nativo da Planolândia
Na esperança de que
Tendo ele se iniciado nos mistérios
Das TRÊS dimensões
Estando anteriormente familiarizado
Com somente duas
Os cidadãos daquela região celestial
Possam aspirar ainda mais alto
Aos segredos das QUATRO, CINCO OU MESMO SEIS dimensões
Contribuindo assim
Para a ampliação da IMAGINAÇÃO
E para o possível desenvolvimento
Daquele raríssimo e superior dom da MODÉSTIA
Entre as Raças Superiores
Da SÓLIDA HUMANIDADE

Sumário

Prefácio à segunda edição revisada, do editor 8

Parte I – Este mundo 17

- 1 Da Natureza da Planolândia 19
- 2 Do Clima e das Casas na Planolândia 23
- 3 Sobre os Habitantes da Planolândia 27
- 4 Sobre as Mulheres 33
- 5 Dos nossos Métodos para Reconhecermos uns aos outros 41
- 6 Do Reconhecimento pela Visão 49
- 7 Das Figuras Irregulares 58
- 8 Sobre a Antiga Prática da Pintura 64
- 9 Sobre a Lei da Cor Universal 69
- 10 Da Supressão da Sedição Cromática 75
- 11 Sobre nossos Sacerdotes 82
- 12 Sobre a Doutrina de nossos Sacerdotes 87

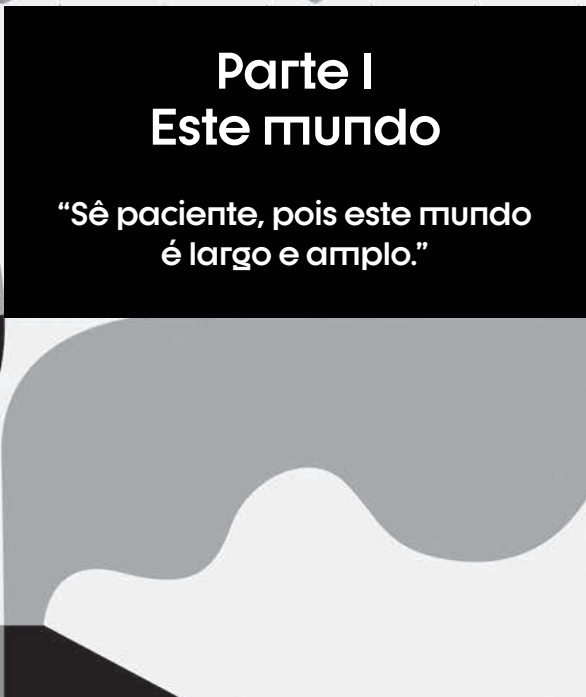
Parte II – Outros Mundos 97

- 13 Como eu tive uma Visão da Linhalândia 99
- 14 Como tentei explicar em vão a natureza da Planolândia 107
- 15 Sobre um Estrangeiro da Espaçoândia 116
- 16 Como o Estrangeiro se esforçou em vão para me revelar em palavras os mistérios da Espaçoândia 122
- 17 Como a Esfera, tendo em vão tentado palavras, recorreu a atos 138
- 18 Como fui a Espaçoândia, e o que vi lá 142
- 19 Como, embora a Esfera tenha me mostrado outros mistérios da Espaçoândia, eu seguia querendo mais; e o que resultou disso 150
- 20 Como a Esfera me encorajou em uma Visão 162
- 21 Como tentei ensinar a Teoria das Três Dimensões para meu Neto, e o grau de sucesso obtido 167
- 22 Como tentei difundir a Teoria das Três Dimensões por outros meios, e o resultado obtido 172

Posfácio, por Ana Rüsche 180

Sobre o autor 191





Parte I
Este mundo

*“Sê paciente, pois este mundo
é largo e amplo.”*

1. Da Natureza da Planolândia

Chamo nosso mundo de Planolândia não porque nós o chamemos assim, mas para deixar sua natureza mais clara para vocês, meus felizes Leitores, que têm o privilégio de viver no Espaço.

Imagine uma imensa folha de papel com Linhas Retas, Triângulos, Quadrados, Pentágonos, Hexágonos e outras figuras que, em vez de permanecer fixas em seus lugares, movem-se livremente sobre a superfície, pela superfície ou na superfície, mas sem ter o poder de se elevar acima dela ou afundar-se abaixo de seu nível, numa situação bastante parecida com a das sombras – só que rígidas e com bordas luminosas –, e você então terá uma noção bastante correta de meu país e de meus conterrâneos. Ai de mim, há alguns anos, eu teria dito “meu universo”; porém agora a minha mente se abriu a pontos de vista mais elevados sobre as coisas.

Num país como esse, vocês perceberão ser impossível que exista algo próximo ao que vocês denominam “sólido”; porém, ousou dizer que vocês irão supor que pelo menos temos como distinguir visualmente os Triângulos, os Quadrados e as outras figuras,

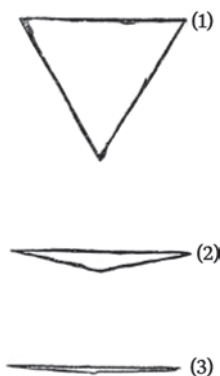
movendo-se do modo como descrevi. Pelo contrário, não podíamos ver nada desse tipo, pelo menos não de modo que permitisse distinguir uma figura da outra. Nada era visível, nada podia ser visível, para nós, exceto Linhas Retas; e vou demonstrar rapidamente por que ocorre necessariamente assim.

Coloque uma moeda de um centavo no meio de uma de suas mesas no Espaço; e se debruçando sobre a moeda, olhe para ela. Vai parecer um círculo.

Porém agora, recuando para a borda da mesa, abaixe gradualmente os olhos (colocando-se assim cada vez mais na condição dos habitantes da Planolândia), e você verá a moeda se tornar cada vez mais oval à sua visão; e, por fim, quando estiver com os olhos exatamente na borda da mesa (como se fosse, por assim dizer, de fato um habitante da Planolândia) a moeda já não mais parecerá oval e terá se tornado, do seu ponto de vista, uma linha reta.

O mesmo aconteceria se você tratasse da mesma maneira um Triângulo ou um Quadrado, ou qualquer outra figura cortada em papelão. Assim que que você a observa da borda da mesa, descobrirá que deixa de parecer uma figura e passa a ter a aparência de linha reta. Pegue, por exemplo, um Triângulo Equilátero – que para nós representa um Comerciante da classe respeitável. A Figura 1 representa o Comerciante como você o veria ao se debruçar sobre ele; as Figuras 2 e 3 representam o Comerciante como você o veria com os olhos próximos ao nível da mesa ou quase no mesmo nível; e se seus olhos estivessem exatamente no nível da mesa (e é

assim que nós o vemos na Planolândia), você nada veria além de uma linha reta.



Quando estive na Espaçoândia, ouvi que os marinhos de vocês têm experiências muito semelhantes ao cruzar seus mares e discernir no horizonte alguma ilha ou costa distante. A terra longínqua pode ter baías, promontórios, ângulos internos e externos em qualquer quantidade e extensão; no entanto, a distância não se vê nada disso (a não ser que o seu sol brilhe intensamente sobre eles, revelando as projeções e os recuos por meio de luz e sombra), discernindo-se apenas uma linha cinza contínua sobre a água.

Pois bem, é isso exatamente o que vemos quando um de nossos conhecidos triangulares ou de outro tipo vem em nossa direção na Planolândia. Como não temos sol, nem qualquer tipo de luz que produza sombras, não contamos com nenhum dos auxílios para a visão que existem na Espaçoândia. Se um amigo se aproxima, vemos sua linha ficando maior; se ele se afasta, a linha se

torna menor. Porém, ainda aí ele parece uma linha reta; seja ele um Triângulo, um Quadrado, um Pentágono, um Hexágono, um Círculo, o que for – ele parecerá uma Linha Reta e nada mais.

Talvez você possa perguntar como, sob essas circunstâncias pouco vantajosas, somos capazes de distinguir nossos amigos entre si; porém a resposta a essa pergunta bastante natural será dada de modo mais fácil e apropriado quando eu vier a descrever os habitantes da Planolândia. Pelo momento, deixe-me adiar este assunto e dizer uma ou duas palavras sobre o clima e as casas de nosso país.



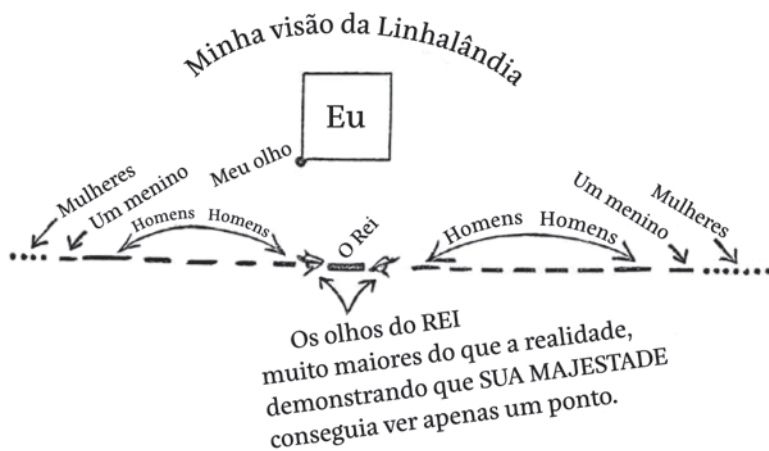
Parte II
Outros Mundos

**“Ó admiráveis mundos novos
Que têm tais habitantes!”**

13. Como eu tive uma Visão da Linhalândia

Era o penúltimo dia do ano 1999 de nossa era e o primeiro dia das Longas Férias. Após me entreter até tarde com minha recreação favorita, a Geometria, eu me recolhi para descansar tendo na cabeça um problema não resolvido. À noite tive um sonho.

Vi diante de mim uma vasta multidão de pequenas Linhas Retas (que naturalmente presumi serem Mulheres) intercaladas por outros Seres ainda menores que eram Pontos brilhantes – todos se movendo para a frente e para trás numa mesma Linha Reta e, até onde eu era capaz de julgar, com a mesma velocidade.



Um múltiplo barulho de gorjeio ou trinado era emitido por eles a intervalos enquanto se moviam; porém às vezes paravam de se mover e então tudo era silêncio.

Aproximando-me de uma das maiores Figuras da classe que imaginei serem Mulheres, abordei-a, mas não obtive resposta. Um segundo e um terceiro apelos de minha parte foram igualmente ineficientes. Perdendo a paciência com o que me parecia ser uma grosseria intolerável, coloquei minha boca exatamente diante da boca da Figura, como se tentasse interceptar seu movimento, e repeti alto minha pergunta:

“Mulher, o que significa essa multidão e esse estranho e confuso chilrear e esse monótono movimento para a frente e para trás sempre seguindo uma mesma Linha Reta?”

“Não sou Mulher”, respondeu a pequena Linha; “Sou o Monarca do mundo. Porém vós, de onde vindes para intrometer-vos em meu reino da Linhalândia?” Recebendo essa abrupta resposta, pedi desculpas caso de algum modo tivesse assustado ou aborrecido sua Majestade Real; e, me descrevendo como um estrangeiro, pedi ao Rei que me oferecesse um relato de seus domínios. Porém enfrentei a maior dificuldade que se possa imaginar para obter qualquer informação sobre temas que realmente me interessavam, pois o Monarca não conseguia evitar presumir constantemente que tudo o que lhe era familiar também deveria ser de meu conhecimento e que eu simulava ignorância apenas por gracejo. Contudo, perseverando nas perguntas, descobri os seguintes fatos:

Aparentemente esse pobre e ignorante Monarca – conforme ele se autodenominava – estava convencido de que a Linha Reta que chamava de seu Reino, e na qual passava sua existência, constituía o mundo todo, e na verdade todo o Espaço. Sem poder se mover ou ver, exceto em sua Linha Reta, ele não concebia nada além disso. Embora ouvisse minha voz quando me dirigi a ele pela primeira vez, os sons chegaram a ele de maneira tão contrária à sua experiência que não tinha respondido, “por não ver homem algum”, nas palavras dele, “e ouvir uma voz que por assim dizer vinha de meus próprios intestinos”. Até o momento em que coloquei minha boca em seu Mundo, ele não havia me visto nem ouvira nada, exceto confusos sons que batiam contra aquilo que eu chamava de seu lado, mas que ele chamava de *interior* ou *estômago*; e mesmo agora ele não concebia de modo algum de que região do mundo eu viera. Fora do Mundo dele ou de sua Linha, para ele tudo era um vazio; não, nem mesmo um vazio, pois vazio implica Espaço; digamos, em vez disso, que tudo era inexistente.

Seus súditos – dos quais as pequenas Linhas eram Homens e os Pontos, Mulheres – tinham todos igualmente seus movimentos e seu olhar confinados àquela única Linha Reta, que era o Mundo deles. Provavelmente nem seria necessário acrescentar que o horizonte deles era limitado a um Ponto e que nenhum deles era capaz de ver senão um Ponto. Homem, Mulher, criança, coisa – cada um era um Ponto aos olhos de um habitante da Linhalândia. Somente por meio do som da voz era

possível distinguir sexo ou idade. Além disso, como cada indivíduo ocupava todo o estreito caminho, por assim dizer, que equivalia a todo o seu Universo, e como ninguém podia se mover para a direita nem para a esquerda para dar passagem a outrem, seguia-se que nenhum habitante da Linhalândia podia ultrapassar outro. Uma vez vizinhos, sempre vizinhos. A vizinhança para eles era como o casamento para nós. Vizinhos seguiam sendo vizinhos até que a morte os separasse.

Essa vida, com toda a visão limitada a um Ponto e todos os movimentos restritos a uma Linha Reta, parecia para mim ser indizivelmente aborrecida; e fiquei surpreso ao perceber a vivacidade e a alegria do Rei. Perguntando a mim mesmo se era possível, em meio a circunstâncias tão desfavoráveis para as relações domésticas, desfrutar dos prazeres da união conjugal, hesitei por algum tempo em perguntar a sua Majestade Real sobre um tema tão delicado; porém acabei mergulhando no tema ao perguntar sobre a saúde de sua família.

“Minhas Esposas e meus Filhos”, ele respondeu, “estão bem e felizes.”

Confuso com essa resposta – pois na vizinhança imediata do Monarca (como eu havia percebido em meu sonho antes de adentrar a Linhalândia) havia apenas Homens – ousei responder.

“Perdão, mas não consigo imaginar como pode sua Majestade Real em algum momento ver ou se aproximar de Suas Majestades, quando há pelo menos meia dúzia de indivíduos no caminho, através dos quais não

se pode ver, e pelos quais não se pode passar. Será possível que na Linhalândia a proximidade não seja necessária para o casamento e a geração de filhos?”

“Como você pode fazer um questionamento tão absurdo?”, respondeu o Monarca. “Se as coisas fossem como você sugere, o Universo logo ficaria despovoado. Não, não; a vizinhança não é necessária para a união de corações; e o nascimento dos filhos é uma questão demasiado importante para se permitir que dependa de um acidente como a proximidade. Certamente você não ignora tal coisa. No entanto, como lhe apraz fingir ignorância, vou instruí-lo como se fosse um bebê na Linhalândia. Fique sabendo, portanto, que os casamentos são consumados por meio da faculdade do som e do sentido da audição.

“Você sabe evidentemente que todo Homem tem duas bocas ou vozes – assim como dois olhos – uma voz de Baixo na boca de uma das extremidades, e uma voz de Tenor na outra. Eu não deveria mencionar isso, porém não fui capaz de distinguir sua voz de Tenor durante nossa conversa.” Respondi que tenho apenas uma voz, e que não sabia que Sua Majestade Real tinha duas. “Isso confirma a minha impressão”, disse o Rei, “de que você não é um Homem, mas uma Monstruosidade feminina com voz de Baixo e um ouvido sem qualquer treinamento. Mas vou prosseguir.

“Tendo a Natureza determinado que todo Homem se casasse com duas esposas...”

“Por que duas?”, perguntei.

“Você leva longe demais essa falsa ingenuidade”, ele disse. “Como poderia haver uma união perfeitamente

harmoniosa sem a combinação do Quatro em Um, ou seja, o Baixo e o Tenor do Homem e o Soprano e o Contralto das duas Mulheres?”

“Porém supondo”, disse eu, “que um homem preferisse ter só uma esposa, ou três?”

“É impossível”, ele disse. “Isso é tão inconcebível quanto dois mais um serem cinco, ou quanto a ideia de um olho humano poder ver uma Linha Reta.”

Eu o teria interrompido; mas ele prosseguiu dizendo o seguinte:

“Uma vez por semana uma Lei da Natureza nos obriga a nos movermos para a frente e para trás ritmicamente com violência fora do costume, e isso continua durante o tempo que você levaria para contar até cento e um. Em meio a essa dança coral, na quinquagésima primeira pulsação, os habitantes do Universo pausam bruscamente e cada indivíduo emite sua música mais rica, mais plena e mais doce. É nesse momento decisivo que todos os nossos casamentos acontecem. Tão esplêndida é a adaptação do Baixo com o Agudo, do Tenor com o Contralto, que frequentemente as Amadas, embora a cento e quarenta mil quilômetros de distância, reconhecem imediatamente a nota de resposta do Amante que lhes é destinado; e superando os desprezíveis obstáculos da distância, o Amor une os três. O casamento naquele instante consumado resulta em uma prole tripla de Machos e Fêmeas que se dá na Linhalândia.”

“Quê! Sempre tripla?”, eu disse. “Então sempre uma das esposas terá gêmeos?”

“Monstro da voz de Baixo! Sim”, respondeu o Rei. “Como o equilíbrio entre os Sexos seria mantido caso não nascessem duas meninas para cada menino? Será que você ignora o próprio Alfabeto da Natureza?” Ele cessou, sem palavras devido ao acesso de fúria; algum tempo se passou antes que eu pudesse induzi-lo a retomar sua narrativa.

“Não se espera, evidentemente, que todo solteiro encontre seu par no primeiro galanteio nesse Coro de Casamento universal. Pelo contrário, a maior parte de nós repete o processo muitas vezes. Poucos são os corações destinados à felicidade de reconhecer imediatamente uns nos outros as vozes dos parceiros que a Providência lhes destinou, e a voar rumo a um enlace recíproco e perfeitamente harmonioso. Na maioria dos casos, a corte é longa. As vozes do Namorado talvez entrem em harmonia com a de uma de suas futuras esposas, mas não com as duas; ou então, inicialmente, pode ocorrer de não entrar em harmonia com nenhuma; ou pode ocorrer de a Soprano e a Contralto não terem harmonia entre si. Nesses casos a Natureza prevê que cada Coro semanal leve os três Amantes mais perto de uma harmonia. Cada teste de vozes, cada nova descoberta de dissonância, induz quase imperceptivelmente o menos perfeito a modificar sua emissão vocal de modo a se aproximar do mais perfeito. Após muitas tentativas, enfim chega o dia em que, enquanto acontece o Coro de Casamento universal na Linhalândia, os três distantes Amantes subitamente se encontram em exata harmonia, e, antes que percebam, o Trio de

esposos é vocalmente arrebatado em um duplo enlace;
e a Natureza rejubila com mais um casamento e três
novos nascimentos.”

Sobre o autor

Edwin Abbott Abbott (1838-1926) foi educador e teólogo. Graduado no St. John's College, Cambridge, publicou livros didáticos de gramática e retórica, bem como estudos da vida e da obra de Francis Bacon. Como padre anglicano ordenado, adotou uma abordagem liberal, evidenciada em suas visões educacionais e em seus livros, que o levou a conflito com pensadores mais conservadores. *Planolândia*, romance audacioso que lhe rendeu a fama, foi publicado anonimamente em 1884 e reúne fãs até hoje.

TORDSILHAS

Planolândia é um mundo bidimensional, habitado por formas geométricas que não conhecem sentidos além de comprimento e largura. Submetidos a um regime autoritário, misógino e clerical, estes círculos e polígonos são incapazes de imaginar a existência de uma terceira dimensão.

Quando um estranho visitante aparece misteriosamente e transporta o incrédulo Quadrado para a Espaçolândia, sua visão de mundo é transformada para sempre.

Sátira social, ficção científica e teoria matemática, *Planolândia* é uma paródia brilhante da sociedade vitoriana, uma obra que continua a levantar questões provocativas sobre percepção e realidade.

“A melhor introdução que se pode encontrar sobre a maneira de perceber as dimensões.”

– Isaac Asimov

9786555680195

